

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: PRÁTICA E ÉTICA DOCENTE

SCHENDER, Klim Wertz

Independente da opção política do educador, há saberes aceitos por todos os docentes, por exemplo: não há professor sem aluno. Partindo desta premissa, o professor deve-se conscientizar da sua existência, isto é, a ligação íntima entre a docência e discência. O objeto do seu trabalho, ensino, prática, pesquisa, reflexão é o seu aluno.

Assim, na prática, o professor entra num processo de ratificar e retificar as suas ações. Os saberes são ampliados, alterados e confirmados à proporção que o docente aplica-os, numa dinâmica que deve acontecer entre a teoria e a prática (práxis), que segundo Aranha e Martins (1991, p. 430), no marxismo - filosofia da práxis - é a *“união dialética da teoria e da prática”*. (grifo do autor)

O aluno deve ser protagonista na produção e construção do saber, por conseguinte, para Freire (2009), ensinar não se restringe a transferir conhecimentos. Então, se o professor considerar a única fonte de saber, promoverá forças externas vindas de seus alunos que o sugarão, pois não procurarão outras rotas, direções ou caminhos, ou lhe menosprezará-lo-ão, aumentando o nível de estresse, e por sua vez, conflitos; envolvendo-se num processo repetitivo de explicar o mesmo conteúdo, através de um ensino bancário, ou rejeitar o ensino eficiente, conduzindo o professor a concluir que os alunos são fracos, incapazes de aprender e outros rótulos.

Qualquer profissional não pode ter a ideia de um ser acabado em sua formação, isso o impede de experimentar novas situações, fechando portas para novos saberes e experiências. O docente, como profissional, não pode ser ingênuo ao ponto de pensar que sabe tudo, e os seus alunos não sabem nada, e que não há o que aprender com eles, criando uma mão única de aprendizagem. Portanto, Freire (2009, p. 23), alerta que: “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado [...] Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender [...] Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa”.

É necessário compreender que aprender precede ao ato de ensinar, e quando se vive, autenticamente, a prática ensinar e aprender o ser humano participa de “uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética” (FREIRE, 2009, p. 24). Quanto à “estética”, Aranha e Martins (1991), assim define, etimologicamente, como: a percepção total, a faculdade e compreensão através dos sentidos.

A pesquisa é ferramenta que auxilia, alarga a visão que se tem do horizonte do conhecimento, e deve andar junta ao ensino. É através da pesquisa que no final o professor ao constatar resultados, intervirá, e de acordo com Freire (2009, p. 29) “intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Fugir da pesquisa produzirá com o tempo: alienação em seu saber e prática; conforme Aranha e Martins (2009, 425), a consequência é: “[...] a fragmentação de sua consciência, que também deixa de lhe pertencer; [...] perda da individualidade; perda da consciência crítica”. Supostamente, muralhas são criadas, em torno de um conhecimento adquirido no passado, intocável, tendo como resultado, a inflexibilidade do pensar, do agir e do falar. A partir desta reflexão, salta à imaginação: este professor perante uma classe de alunos, com sua diversidade cultural, não aceitando certos paradigmas ensinados, e a inflexibilidade no ensino gerando conflitos.

Os saberes dos educandos devem ser respeitados; saberes estes, construídos na prática comunitária. De acordo com Hoffman (2007, p. 38),

[...] a construção do conhecimento pelo educando se dá de forma dinâmica e progressiva, não havendo início, meio ou fim nesse processo. Cada hipótese construída pelo aluno estará constantemente sendo refutada por ele, ampliada, complementada a partir de suas experiências de vida, do seu desenvolvimento geral, das provocações intelectuais sofridas dentro e fora da escola.

Muitos pertencem à classe popular, portanto, deve-se criar relações com o conteúdo e a experiência de cada aluno, não distanciando as disciplinas (conteúdos), os saberes curriculares fundamentais da experiência social dos educandos, uma vez que, resultará em desinteresse, e outros males, tais como: não-aprendizagem, confusão e associação da figura do professor com a disciplina. Já que, muitos não têm a maturidade para abstrair a figura docente da disciplina que ministra.

Muitos docentes, segundo Freire (2009), tem discurso farisaico “faça o que mando e não o que eu faço”, por isso afirma que “pensar certo é fazer certo” (p. 34), no entanto a prática contradiz o discurso. Muitos se consideram os “donos da verdade”, portanto, “não é possível ao professor pensar que pensa certo, mas ao mesmo tempo perguntar ao aluno ‘se sabe com quem está falando’[...]” (p. 34 - 35). A ação do professor vale mais do que suas palavras, ou seja, o seu exemplo é mais forte do que o seu discurso.

O professor, ao aproximar-se do aluno, deve mostrar-lhe a fragilidade do homem, isto é, como os seres humanos estão sujeitos, a serem tentados a desviarem para caminhos fáceis, ignorando as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem colocá-lo, criando condições mais humanitárias na relação aluno e professor.

Ensinar requer estar aberto ao novo, correr riscos e rejeitar qualquer ato de discriminação. Pois, para Freire (2009, p. 36) “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero, ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. O pensar certo para o autor deve-se dar através do diálogo e não controverso, envolvendo a prática docente num dinamismo dialético. É difícil para muitos educadores depararem-se com a falta de conhecimentos básicos dos alunos e retomar ou explicar, conteúdos que não estão diretamente ligados à sua disciplina. Essa diferença de saberes e conhecimento entre o educador e o educando é polêmico, pois são duas culturas diferentes que se encontram, e cabe àquele que abraçou a docência, refletir criticamente sobre sua prática, observando os resultados que envolvem o ato de ensinar e o aprender.

Não adianta pensar que ensina se não há aprendizagem, sendo fundamental refletir criticamente, revendo a prática passada, comparando-a com o presente, a fim de aperfeiçoar a futura. De acordo com Blikstein (1995), o ato comunicativo envolve um emissor (remetente), um receptor (destinatário) e uma mensagem entre eles. Portanto,

O remetente, tem por função enviar uma mensagem ao destinatário, estimulando-o a produzir uma determinada resposta. O destinatário, por sua vez, ao ser estimulado pela mensagem, deverá produzir, em princípio, a resposta esperada ou desejada pelo remetente. [...] Se o remetente e o destinatário não estiverem conscientes de suas respectivas funções e atentos ao seu papel, a estrutura da comunicação ficará bem vulnerável a ruídos. (p. 27).

O quanto há em cada ser humano, a curiosidade ingênua, que se estabelece no patamar do senso comum. O homem não domina todos os saberes, em muitas partes do conhecimento do universo é leigo, e se o professor é humano, logo, observam-se as características de ingenuidade, por conseguinte, tanto o aluno quanto o professor devem superar a curiosidade ingênua e partir para a curiosidade epistemológica, que, de acordo com Aranha e Martins (1991, p. 427), é o “[...] estudo do conhecimento científico do ponto de vista crítico, isto é, do seu valor [...]”.

O aluno tem experiências informais, aprendizagens que ocorrem, nas ruas, no trabalho, nas escolas, nas praças, enfim, carrega uma bagagem cultural e de conhecimento. O processo educativo deve partir dessas premissas, ou seja, daquilo que o aluno possui. Uma vez que, o ser humano só pode dar aquilo que tem. Há muitos professores que coagem os seus alunos além de suas capacidades, o que conduz ambos para uma zona de confronto. Portanto, a prática docente considerada verdadeira é aquela que, para Freire (2009), exige a presença vinculada da estética e a ética “decência e boniteza”. Para isso, devem ser criadas as condições para que o aluno se construa e

produza e não seja um depósito de conhecimento, porque, quem ensina deve ter a concepção de que ensinar não é transferir conhecimento, mas precisa conduzir o aluno a vivenciá-lo. Quanto à importância do professor, Freire (2009) destaca o efeito da ação docente sobre o discente: “O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo” (p. 42).

O discurso e a prática docente não podem tornar-se falseados “[...] quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meios e caminhos autoritários” (FREIRE, 2009, p. 48). O aluno deve ser olhado como um ser que precisa ser estimulado, independente de sua cor de pele, intelectualidade, cultura, fator econômico, político e outros. Essas barreiras precisam ser transpostas, e é necessário vencer a si próprio, e como relata Freire (2009, p. 49):

É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gera um pensar errado e falso. Por mais que me desagrade uma pessoa não posso menosprezá-la com um discurso em que, cheio de mim mesmo, decreto sua incompetência absoluta. Discurso em que, cheio de mim mesmo, trato-a com desdém, do alto de minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva, mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio, me minimizam e destratam. É cansativo, por exemplo, viver a humildade [...].

A leitura de mundo do professor é distinta do aluno, e os atritos surgem, pois são culturas e formações diferentes. Mas, quem estará certo? Conforme Freire (2009) “Sem rigorosidade metódica não há pensar certo” (p. 49), daí, surge uma pergunta: Quanto há de rigor metódico nos pensamentos dos professores? É necessário haver esta reflexão. Como ser humano é preciso ter a consciência do inacabado, pois “onde há vida, há inacabamento” (p. 50). Há docentes que se consideram perfeitos diante dos seus alunos, portanto, qualquer atitude considerada um erro, não hão de assumi-la.

Assim descreve Freire (2009, p. 83), em *Pedagogia da Esperança*:

Um professor que não leva a sério sua prática docente, que, por isso mesmo, não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para que disponha de condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de concorrer para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor.

Os seres éticos tem a capacidade de intervenção no mundo, de comparação, ajuizamento, decisão, rompimentos, escolha, embora, também tenham capacidades de atitudes mais baixas e

indignas “só os seres que se tornaram éticos podem romper com a ética”, Todavia, “[...] as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (FREIRE, 2009, p. 52).

O professor precisa conscientizar do seu estado inacabado, contudo acreditar que pode ir mais além. O aluno, com ser humano, também possui características semelhantes a do docente. Portanto, tanto um como o outro deve-se posicionar “para não ser apenas ‘objeto’, mas sujeito também da História” (FREIRE, 2009, p. 54). O homem está sujeito a trair ou negar a eticidade. Quantas vezes, professores não foram éticos? Por que os seus alunos, assim deveriam?

Há docentes que acreditam existir mulheres e homens impossíveis de educar, esse pensamento vai de encontro as ideias de Freire (2009, p. 58) que descreve:

Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade.

Perceber-se inacabado, e conscientizar-se dessa situação, faz do ser humano um ser ético. Os seres éticos são seres histórico-sociais, com capacidade para decidir, romper, comparar, valorar, escolher, intervir. Por conseguinte, distanciar homens e mulheres da ética é ato de transgressão, ou seja, é afastar de tais capacidades. Portanto, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2009, p. 59). Desrespeitar e negar a ética é transgredi-la. Sendo assim, o professor, consciente de sua natureza, deve respeitar a autonomia do ser do educando “seu semelhante”, pois,

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever e propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2009, p. 59-60).

O bom senso faz parte da prática docente, não confundindo autoridade com autoritarismo e, liberdade com licença. Muitos docentes têm agido como os “donos da verdade”, mas o que é a verdade? E como tem mudado no decorrer do tempo, ou seja, o que era verdade absoluta ontem, já não é hoje. Todavia, o bom senso deve ser exercitado: indagando, comparando, duvidando, aferindo, o

que contribuirá na criticidade, na posição ética. O bom senso não dirá o que é, mas deixará claro que existe algo a ser descoberto, sabido.

Não se pode menosprezar, zombar, do saber que o educando traz consigo para a faculdade. O professor deve respeitar a autonomia, identidade e a dignidade de seus alunos. O respeito pela pessoa do professor será adquirido quando houver esforço por parte dele para diminuir a distância do discurso à prática. “A prática docente especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão” (FREIRE, 2009, p. 65).

Freire (2009, p. 66), não permite esquecer que:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Para Freire (2009, p. 67) o professor deve ser humilde, tolerante quanto “à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, [...] não [...] agravar com procedimentos inibidores exige [...] o cultivo da humildade e da tolerância”. Lutar pela educação é dever de todo aquele que abraça a docência: “O que não é possível é, ficando nela, aviltá-la com o desdém de mim mesmo e dos educandos” (p. 67).

Apreender a realidade faz parte da prática docente, conhecer as diferentes dimensões que fazem parte dessa essência, resultando segurança para desempenhar o seu ofício.

O professor como ser inconcluso deve aprender, não somente para adaptar, todavia para transformar a realidade, num processo de recriação e intervenção. A prática educativa “demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico” (FREIRE, 2009, p. 69).

O docente deve ser o estimulador, mediador da difícil passagem das práticas heterônomas para as autônomas. Posicionando de forma respeitosa em relação ao desejo de mudança ou recusa pelo aluno. Isso não quer dizer, que a postura docente deverá ser anulada, porém exposta, isto é, sua opção política, filosófica, cultural, enfim, respeitando o direito do educando de rejeitar a sua exposição.

Consoante Freire (2009, p. 72), a alegria e a esperança são exigidas no ensino, pois a “esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria”. O professor não se pode entregar ao discurso repetitivo, monótono e universal de que diante da realidade, não há nada o que fazer. Criando

assim, a desesperança, isto é, ausência da esperança. Diante desse cenário, o que gerará é insatisfação, estresse, apatia e conflitos pela inexorabilidade do docente. Conscientizar-se de que a eliminação de problemas não ocorrerá, mas a intervenção poderá diminuir os males. O que não resolve, é a inércia de ficar na “zona de conforto”. Não há como haver neutralidade daqueles que estão no mundo, com o mundo e com os outros. De forma positiva ou negativa, a ação docente irá afetar os educandos. Quanto as posturas rebeldes, devem ser transformadas em revolucionárias, e não reacionárias.

Nos grupos populares há o “saber ingênuo”; e o docente não deve converter-se, ou adaptar-se a esse saber. Também não pode impor de forma arrogante os seus saberes como se fossem os únicos que contém a verdade. Então, como sair desse impasse? Através do diálogo, o pensar é desafiado, e a história social dos grupos populares é refletida, relida, construída, dando uma nova compreensão do contexto em que vivem. Conduzindo a conclusão, que o seu estado social não é totalmente culpa sua, há um passado, há forças por detrás. Contudo, incentivar à mudança, a busca da qualidade de vida, que não é direito exclusivamente de alguns, mas de todos.

O educador autoritário dificulta o exercício da curiosidade do aluno. Porém, o professor deve se conscientizar de que a curiosidade: dinamiza, inquieta, insere em novas buscas, e na ausência dela, nem o professor ensina, e nem o aluno aprende. A curiosidade deve ser exercida corretamente, construída eticamente, ou seja, “minha curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro e expô-la aos demais” (FREIRE, 2009, p. 85).

Para Freire (2009), a autoridade e liberdade quando entram em desequilíbrio transformam-se em: autoritarismo e licenciosidade, todavia, há necessidade de equilíbrio e respeito, para não transgredir os limites, isto é, “a autoridade docente democrática precisa encarnar em suas relações com a liberdade dos alunos” (FREIRE, 2009, p. 90).

O professor deve ter uma autoridade segura em suas decisões, atuações e posições. Não necessitando de um discurso sobre si mesmo, sobre a sua existência, interrogando os alunos sobre sua suposta *autoridade*, ou seja, se eles sabem com quem estão falando. O competente profissional promove segurança, assim como, leva a sério seus estudos, sua formação, e esforça-se para aperfeiçoar-se, cada vez mais, em seu ofício. A generosidade produzirá “o clima de respeito que nasce de relações justas, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos assumem-se eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 2009, p. 92). A autonomia precisa ser construída tendo como fundamento a responsabilidade que se assume.

Os conteúdos e a formação ética precisam ser ensinados juntos; e o “ensino ético dos conteúdos implica o testemunho ético do professor” (FREIRE, 2009, p. 95). O docente não conseguirá ajudar o aluno, a vencer a sua ignorância se não superar a sua própria. O saber ensinado deve ser

vivido de forma concreta com os seus alunos. O melhor discurso, conforme Freire (2009), é o exercício da prática, ou seja, a intimidade do dizer com o fazer: o seu testemunho ético.

Para viver a eticidade é necessária a presença da liberdade. O educando precisa exercer a sua liberdade, embora, para ampliá-la seja necessário assumir, eticamente, a responsabilidade de seus atos.

Quanto ao ensino é necessário saber escutar, pois, é escutando que se aprende a falar com os alunos. “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele” (FREIRE, 2009, p. 113). Se o docente discrimina certas posições sociais, culturais, econômicas, cor de pele, enfim, não conseguirá fazer a escuta, que por sua vez prejudicará o diálogo, a compreensão e o resultado será uma fala verticalizada em invés de horizontal.

Na verticalização do discurso, há indícios de: preconceitos, arrogância, falsa superioridade e outros, gerando conflitos. Os conflitos por sua vez geram: afrontas, ameaças, luta física, ou seja, desentendimentos, que agravam a relação ensino-aprendizagem. Isso não quer dizer que o professor deva se retrair diante do desrespeito do aluno, sem ao menos expressar o seu protesto. É necessário que o educando saiba, mesmo que haja diferenças de força física e de autoridade, a humildade do docente revelará sua covardia. “É necessário que ele saiba que, se fisicamente pode golpear-me e seus golpes me causam dor, não tem, contudo, a força suficiente, para dobrar-me ao seu arbítrio” (FREIRE, 2009, p. 122).

Saber escutar o aluno não é concordar, acomodar e assumir a sua leitura de mundo. Não é ser simpático, somente, no entanto é com e não sobre o educando que juntos hão de superar a forma ingênua por outra mais crítica de entender a inteligência do mundo. Esse processo dá-se na dialogicidade, mas não qualquer diálogo, pois conforme Freire (2005, p. 91) “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens”.

Querer bem aos alunos é um objetivo a ser seguido, não ser obrigado a igualar o mesmo sentimento a todos, entretanto o fato é não ter medo de expressar a afetividade, ou seja, o professor pode ser sério em sua prática docente como ser paralelamente afetivo. A relação ensino-aprendizagem deve ser prazerosa, alegre, contudo, não sendo sinônimo de rigor, seriedade, amargura, formalidade pessoal e outros, mas humanista, a favor da formação do homem, e não antihumanista.

A experiência docente não pode ser desalmada, fria, sem emoções, sonhos e desejos, portanto, sua competência e os seus saberes, são instrumentos que podem promover a alegria que envolve o ensino e aprendizagem. Entretanto, o professor e o aluno têm necessidades semelhantes, por ser gente, e quando há consciência disso, por ambas as partes, promove-se a autonomia fundamentada na ética, diminuindo os conflitos e aumentando as amizades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1991.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Técnicas de Comunicação Escrita**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da Esperança**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. 10. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.